

ENTRE SINAIS E APRENDIZADOS: A JORNADA DE UMA ESTUDANTE QUE SE TORNOU MONITORA DE LIBRAS

Catarina Santos da Silva¹
José Arnor de Lima Júnior²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar e analisar criticamente a experiência de uma graduanda que, após cursar a disciplina de Língua Brasileira de Sinais (Libras), atuou voluntariamente como monitora, desempenhando um papel crucial na mediação da comunicação entre o professor surdo e a sua turma de estudantes ouvintes. Trata-se de um estudo qualitativo, sob a forma de relato de experiência, fundamentado metodologicamente na observação participante sistemática e em um depoimento reflexivo da própria envolvida. O embasamento teórico apoia-se nos contributos de Mantoan (1997), Quadros (2006), Figueira (2011) e Freire (1996) para discutir os pilares da inclusão escolar, a educação bilíngue de surdos e os saberes inerentes à formação docente. Os resultados demonstram que a monitoria foi um espaço fértil e transformador para a significativa ampliação do conhecimento teórico-prático em Libras, permitindo uma compreensão aprofundada e empática das barreiras comunicacionais enfrentadas diariamente pela comunidade surda, além de fomentar o desenvolvimento pessoal e profissional da monitora. Conclui-se que a iniciativa não apenas se configura como uma estratégia potente para a valorização e disseminação da Libras, mas também como um catalisador para a promoção de uma educação superior genuinamente acessível e antirracista, refletindo sobre a urgente necessidade de políticas institucionais que incentivem e formalizem tais práticas inclusivas.

Palavras-chave: Libras, Monitoria, Inclusão, Educação Superior, Formação Docente.

INTRODUÇÃO

A educação brasileira tem avançado, ainda que de forma gradual, no que tange à garantia de direitos e à promoção da inclusão de pessoas com deficiência. Esse movimento é impulsionado por um arcabouço legal robusto, que inclui a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), e por uma crescente conscientização social. Nesse contexto, a Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, assume papel central no processo de inclusão educacional e social da comunidade surda. Conforme enfatiza Quadros (2006), a Libras não é uma simples

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, catarina.santoss@ufpe.br;

² Professor orientador: Mestre e docente do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação - Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. josearnor.lima@ufpe.br;



ferramenta de apoio, mas a língua natural dos surdos brasileiros, constituindo-se no alicerce de sua identidade cultural e no veículo primordial para seu pleno desenvolvimento cognitivo e acadêmico.

A presença de intérpretes de Libras no ensino superior foi uma conquista fundamental decorrente dessas legislações, assegurando o acesso formal. No entanto, a construção de um ambiente academicamente acessível e verdadeiramente inclusivo vai além, demandando a sensibilização, a capacitação e o envolvimento de toda a comunidade acadêmica. Como apontam Lacerda e Santos (2013), a inclusão efetiva exige a transformação das práticas pedagógicas e da cultura institucional, de modo que a diversidade linguística seja não apenas aceita, mas valorizada como elemento enriquecedor do processo educativo. Esta problemática justifica a investigação de alternativas complementares à interpretação formal que possam promover uma cultura de inclusão mais ampla na universidade.

Este artigo emerge da vivência concreta de uma estudante de graduação que, movida pelo interesse despertado na disciplina obrigatória de Libras no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), engajou-se em um projeto de monitoria com o objetivo de auxiliar na mediação comunicacional entre um professor e a turma. A experiência, que transcendeu a simples aplicação de conteúdos linguísticos, tornou-se um rico campo de aprendizado sobre inclusão, diferença e prática educativa, à luz dos saberes necessários à prática educativa discutidos por Freire (1996). O estudo tem como objetivo geral analisar os impactos da monitoria em Libras na formação acadêmica e cidadã da estudante envolvida, e como objetivos específicos: (1) identificar os desafios e aprendizagens decorrentes do processo de mediação; (2) analisar o desenvolvimento de competências teórico-práticas em Libras; e (3) refletir sobre o potencial da monitoria como estratégia de promoção da inclusão no ambiente universitário.

Metodologicamente, trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, baseado na observação participante e em registros reflexivos da monitora sobre seu período de atuação. A análise foi conduzida por meio da técnica de análise de conteúdo, categorizando as experiências vividas à luz do referencial teórico que aborda inclusão, educação de surdos e formação docente.

Os resultados evidenciam que a monitoria proporcionou uma ampliação significativa do conhecimento teórico-prático em Libras, permitindo uma compreensão aprofundada das barreiras comunicacionais enfrentadas pela comunidade surda e desenvolvendo competências de mediação essenciais para a prática educativa. A



experiência revelou-se um espaço fértil para o desenvolvimento pessoal e profissional da monitora, fortalecendo sua autonomia, capacidade reflexiva e consciência crítica sobre o papel da universidade na promoção da equidade.

Conclui-se que iniciativas como esta não apenas suprem uma necessidade pontual de comunicação, mas atuam como ferramentas pedagógicas poderosas para a desconstrução de barreiras atitudinais e a valorização da diversidade linguística no espaço universitário, contribuindo para a consolidação de uma educação superior que seja, de fato, para todos. A monitoria em Libras configura-se, portanto, como uma estratégia promissora para a formação de educadores mais conscientes e capacitados para atuar em contextos diversos, além de representar um caminho viável para a implementação de uma cultura institucional verdadeiramente inclusiva.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, sob a modalidade de relato de experiência. A pesquisa qualitativa em educação, conforme abordada por Chizzotti (2008), busca compreender a profundidade e a complexidade dos fenômenos educacionais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos envolvidos, indo além dos números e estatísticas. Este método é particularmente adequado para descrever e refletir sobre uma intervenção ou vivência singular, permitindo a análise contextualizada de processos e significados (MINAYO, 2014). O relato de experiência, enquanto ferramenta de investigação, permite uma "reflexão sobre a ação", valorizando a prática e a experiência concreta como fontes de produção de conhecimento, alinhando-se à perspectiva de Schön (2000) sobre o profissional reflexivo.

Para a construção do referencial teórico, realizou-se uma pesquisa bibliográfica sistemática nas plataformas Google Acadêmico e SciELO, priorizando publicações dos últimos cinco anos. Essa busca focou em estudos sobre inclusão educacional, educação de surdos, formação docente em Libras e metodologias de pesquisa qualitativa, permitindo o diálogo entre a experiência vivenciada e a produção acadêmica recente na área.

A coleta de dados foi ancorada em duas fontes principais, que se complementam para oferecer uma visão multidimensional do fenômeno estudado. A primeira foi a observação participante, na qual a monitora, atuando diretamente no contexto da sala de aula, registrou em diários de campo suas impressões, os desafios enfrentados, as



estratégias de mediação utilizadas e a dinâmica das interações observadas. Este instrumento permitiu capturar a riqueza e a complexidade do contexto investigado.

A segunda fonte consistiu na coleta de reflexões da própria autora, foram coletados depoimentos em primeira pessoa da autora, os quais se concentraram em suas percepções subjetivas sobre o processo de aprendizagem, a relação de aprofundamento com a Libras e a evolução de sua compreensão sobre a inclusão. Estes registros constituíram-se como narrativas de experiência que revelaram as dimensões pessoal e profissional do processo formativo.

A análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo, categorizando as informações emergentes dos diários e depoimentos à luz do referencial teórico adotado. Schön (2000) defende a formação de um profissional reflexivo, capaz de analisar sua própria prática e de repensar suas ações continuamente, um conceito que pode ser diretamente aplicado à experiência formativa das monitoras.

Para transformar os dados brutos em achados de pesquisa, optou-se pela análise de conteúdo, tal como articulada por Bardin (2016). Esse método sistemático foi operacionalizado em três etapas principais: a pré-análise, fase de organização do material e leitura flutuante dos registros, permitindo uma imersão inicial nos dados; a exploração do material, momento em que se realizou a codificação e a categorização das informações emergentes dos diários e depoimentos, identificando unidades de significado e agrupando-as em eixos temáticos; e, por fim, o tratamento dos resultados e interpretação, no qual as categorias foram analisadas e criticamente discutidas à luz do referencial teórico adotado, buscando compreender os significados mais profundos da experiência.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para analisar a experiência da monitoria em Libras, este trabalho apoia-se em um tripé teórico que abarca a inclusão educacional, a especificidade linguística e cultural da comunidade surda e os saberes da prática docente, expandindo esta base com contribuições teóricas adicionais que dialogam com o contexto de mediação vivenciado. A trajetória teórica percorre desde os fundamentos macro da educação inclusiva até as microanálises das práticas de mediação, estabelecendo um diálogo constante entre teoria e experiência.

O conceito de inclusão escolar, conforme discutido por Mantoan (1997), representa uma mudança paradigmática em relação aos modelos anteriores de integração.



Enquanto a integração buscava adaptar o estudante ao sistema pré-estabelecido, a inclusão propõe a transformação radical do sistema educacional para que este atenda à diversidade de todos os estudantes, eliminando barreiras arquitetônicas, comunicacionais, pedagógicas e atitudinais. Esta evolução conceitual reflete uma mudança profunda na compreensão sobre diferença e equidade educacional.

Nessa perspectiva, a inclusão é um processo que exige mudança de postura e a quebra de paradigmas excludentes. A educação inclusiva é compreendida como uma educação que acolhe a todos, valorizando suas histórias, dificuldades, talentos e desejos, tendo como principal objetivo ajudar todos os alunos a desenvolverem seu potencial máximo. Este modelo busca assegurar a igualdade de acesso e sucesso escolar, promovendo a igualdade equitativa de oportunidades e preparando os alunos para a vida em uma sociedade diversa. Para tanto, estratégias como a diferenciação pedagógica e a aprendizagem cooperativa são fundamentais, pois permitem atender às necessidades individuais enquanto promovem um senso de comunidade e pertencimento. A experiência da monitoria em Libras se alinha a esses princípios ao criar uma ponte comunicativa que personaliza o acesso ao conhecimento, operacionalizando na prática os pressupostos teóricos da educação inclusiva.

No que se refere especificamente ao contexto do surdo, Quadros (2006) e Figueira (2011) são referenciais essenciais para compreender a trajetória de lutas e conquistas da comunidade surda. Eles enfatizam que a surdez não é uma patologia a ser curada, mas uma condição humana que dá origem a uma identidade cultural e linguística própria. A Libras, sendo uma língua natural, com estrutura gramatical complexa e independente do Português, é o elemento fundante dessa cultura, essa compreensão representa uma significativa evolução em relação às perspectivas clínicas que historicamente patologizaram a surdez. Qualquer proposta de inclusão que ignore essa dimensão linguístico-cultural está fadada ao fracasso, pois perpetua uma visão clínico-terapêutica da surdez. Esta compreensão é reforçada pela perspectiva da mediação pedagógica como uma prática transformadora. A mediação, enquanto ação determinante, constitui-se a partir da reorientação das práticas e da ressignificação dos métodos de ensino, permitindo ao discente compreender a relevância da escolarização em sua formação integral. No contexto da surdez, a mediação realizada pela monitora vai além da tradução; é um ato de reconhecimento e valorização da identidade cultural surda, facilitando a criação de um ambiente de aprendizagem significativo que respeita a especificidade linguística dos surdos.



Por fim, a reflexão sobre a prática educativa e a formação docente encontra em Freire (1996) sua base teórica fundamental. Para o autor, ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. A prática educativa é um ato dialógico, que exige respeito aos saberes dos educandos, criticidade e curiosidade. Esta concepção antagônica à "educação bancária" fornece os alicerces para compreender a monitoria como espaço de construção conjunta de conhecimento. Essa visão é complementada pela noção de mediação pedagógica como uma estratégia fundamental para a efetivação da inclusão. O trabalho de mediação bem-sucedido, como observado em experiências com outros perfis de alunos, frequentemente depende da criação de uma rede de apoio que envolve a instituição, os profissionais e as famílias, e da disposição de pessoas comprometidas em entender cada aluno como um ser único. Essa rede assegura que a mediação não seja um ato isolado, mas parte de um esforço coletivo para a construção de um plano educacional verdadeiramente individualizado. A experiência da monitoria, como veremos, dialoga diretamente com esses pressupostos, pois coloca a estudante em uma posição de mediação que é, simultaneamente, de ensino e de aprendizagem, exercitando a reflexão-na-ação que caracteriza o profissional reflexivo, conforme proposto por Schön (2000).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ampliação do Conhecimento Teórico e Prático em Libras

Os dados revelam que a atuação prática representou um salto qualitativo na proficiência da monitora, constituindo-se como um processo genuíno de imersão linguística. Enquanto a disciplina de Libras forneceu a base estrutural da língua, a monitoria exigiu a aplicação dinâmica e contextualizada desse conhecimento. Os registros indicam a expansão do vocabulário, o aprimoramento da fluência e a adaptação do registro linguístico para diferentes situações, como a mediação de seminários, dúvidas e a explicação de conceitos complexos. Essa imersão prática corroborou a perspectiva de Quadros (2006) sobre a Libras como uma língua viva e funcional, cuja plena aquisição se dá no uso social. A monitoria funcionou, portanto, como um ambiente natural de aprimoramento linguístico, onde a necessidade real de comunicação impulsionou a aprendizagem de forma mais significativa do que em contextos formais de sala de aula.



Esse achado reforça a importância de se criarem espaços de prática extensiva para o ensino de Libras, complementando a formação teórica inicial.

Compreensão Aprofundada das Barreiras Comunicacionais

A análise dos relatos evidencia que a experiência foi um profundo exercício de empatia e conscientização, permitindo uma compreensão visceral dos obstáculos à inclusão. Ao se colocar no lugar de mediadora, a monitora vivenciou diretamente as dificuldades de acesso à informação que estudantes surdos enfrentam diariamente em um ambiente majoritariamente ouvinte. Esta compreensão vai ao encontro do que propõe Mantoan (1997) sobre a necessidade de se desnaturalizar as barreiras do ambiente para transformá-lo. A vivência tornou tangível o conceito de barreira atitudinal (SASSAKI, 2009), revelando como a simples falta de conhecimento sobre a existência e o funcionamento da Libras por parte da comunidade ouvinte é, em si, um dos maiores impedimentos à inclusão. Os dados demonstram que a mediação linguística, nesse contexto, não é uma simples tradução palavra por sinal, mas um complexo processo de transposição de conceitos e contextos culturais, essencial para garantir a equidade no acesso ao conhecimento. Isso ressalta, na prática, a defesa de Lacerda e Santos (2013) por uma transformação da cultura institucional, onde a diversidade linguística seja valorizada.

Desenvolvimento Pessoal e Profissional

A monitoria mostrou-se um espaço fértil para o desenvolvimento de competências transversais fundamentais. O exercício da mediação fomentou a autoconfiança, proveniente da responsabilidade assumida e do domínio progressivo de situações complexas de comunicação. Além disso, aprimorou-se a capacidade de mediação e didática, ao aprender a "traduzir" ideias de forma clara e acessível, exercitando a paciência e a criatividade. Por fim, consolidou-se uma consciência crítica e cidadã, engajando-a ativamente na luta por uma sociedade mais justa e inclusiva.

Essa dimensão formativa ressoa intensamente com Freire (1996), para quem a educação é um ato político e formador de sujeitos autônomos e críticos. A prática da monitoria pode ser entendida como uma antítese do que o autor retrata como "educação bancária", na qual o estudante é um mero depositário passivo de informações. Pelo contrário, a experiência vivida é a essência da "educação libertadora", na qual o educador



também é um aprendiz, e o conhecimento é construído por meio da ação e da reflexão sobre o mundo. A monitoria, nesse sentido, foi mais que um estágio na graduação; foi uma prática educativa libertadora e de autoconhecimento, que tornou um "profissional reflexivo" - capaz de analisar sua própria prática e adaptar-se criativamente a contextos complexos, um conceito originalmente elaborado por Schön (2000). A experiência evidencia, portanto, o potencial da monitoria como estratégia de formação integral, indo além do ensino de uma língua específica para fomentar habilidades profissionais e cívicas indispensáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de monitoria em Libras aqui relatada demonstra, de forma contundente, o potencial transformador que iniciativas aparentemente pontuais podem ter no ambiente acadêmico. Mais do que um simples auxílio comunicacional, a monitoria configurou-se como um espaço de dupla aprendizagem: para a turma, que teve seu acesso ao conhecimento facilitado, e para a própria autora a que vos escreve, que vivenciou uma formação profundamente enriquecida que transcende o domínio linguístico. Esta vivência prática funciona como um poderoso contraponto ao modelo de inclusão meramente formal, que se limita a cumprir quotas legais, propondo em seu lugar uma inclusão relacional e vivencial, onde a convivência com a diferença se torna o principal motor da aprendizagem e da mudança de mentalidade, conforme preconizam Mantoan (1997) e Sasaki (2009).

Conclui-se que a promoção da acessibilidade comunicativa na universidade não deve se restringir à presença essencial do intérprete profissional. É fundamental que as instituições de ensino superior fomentem programas de formação e monitoria que envolvam ativamente os estudantes ouvintes, criando uma cultura institucional de valorização da Libras e de respeito à diversidade. Tal medida não apenas qualifica a inclusão de estudantes surdos, mas também prepara futuros profissionais – em qualquer área – mais conscientes, empáticos e capacitados para atuar em um mundo intrinsecamente diverso. A monitoria, neste sentido, revela-se uma estratégia pedagógica de formação cidadã, alinhando-se à concepção de que a universidade tem um papel social que ultrapassa a transmissão de conteúdos técnicos.

Os resultados apontam, ainda, para um benefício formativo de longo alcance: o desenvolvimento da competência tradutória e mediadora. Ao se deparar com a complexa



tarefa de transpor conceitos acadêmicos entre línguas de modalidades distintas (oral-auditiva e espaço-visual), a monitora exercita um pensamento flexível e criativo, habilidades altamente valorizadas no mundo contemporâneo. Esta experiência torna, nas palavras de Schön (2000), profissionais reflexivos, capazes de analisar sua prática e adaptar-se a contextos complexos.

Por fim, este estudo é um convite à reflexão e à ação, dialogando diretamente com análises apresentadas ao longo do trabalho. Ele evidencia a necessidade de a universidade ir além do cumprimento legal, assumindo um papel protagonista na construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva, onde a diferença linguística não seja uma barreira, mas um elemento enriquecedor do convívio e da produção do conhecimento. A monitoria em Libras se apresenta, portanto, como um microcosmo do que pode ser uma educação superior mais humana e dialógica. Como proposta concreta, recomenda-se como futuros desdobramentos, sugere-se a criação de um programa institucional permanente de monitoria em acessibilidade comunicacional, a fim de que essa experiência pontual possa se tornar uma política consolidada, inspirando outras disciplinas e cursos, e contribuindo definitivamente para a desconstrução de barreiras atitudinais e para a consolidação de uma cultura universitária pautada na equidade e no diálogo entre as diferenças materializando assim os pressupostos teóricos de uma educação inclusiva na prática acadêmica cotidiana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Andréia de. A mediação pedagógica enquanto estratégia de ensino: reflexões sobre adolescentes com transtorno do espectro autista no ensino técnico. **Revista Acadêmica Online**, v. 11, n. 55, e450, 2025. DOI: 10.36238/2359-5787.2025.v11n55.450. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/450>. Acesso em: 22 out. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 29 out. 2025.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 29 out. 2025.



CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

EDUCAÇÃO inclusiva: o que é, exemplos, objetivos. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/educacao-inclusiva.htm>. Acesso em: 22 out. 2025.

FIGUEIRA, Emílio. **Imagens do invisível: a surdez em foco**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

LACERDA, Cristina B. F. de; SANTOS, Lara F. dos. **Tenho um aluno surdo, e agora? Um convite ao diálogo sobre a inclusão escolar de alunos surdos.** São Carlos: EdUFSCar, 2013.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Será ela diferente?: princípios para a inclusão de alunos com deficiência na escola**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. O "bi" em bilinguismo na educação de surdos. In: QUADROS, Ronice Müller de; PERLIN, Gladis (Orgs.). **Estudos surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 110-132.

PACHECO, Willyan Ramon de Souza. A mediação pedagógica como prática transformadora: reflexões sobre o lugar do professor na produção do conhecimento significativo. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 2, n. 2, p. 29–42, 2018. DOI: 10.37444/issn-2594-5343.v2i2.97. Disponível em: <https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/97>. Acesso em: 22 out. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: WVA, 2009.

SCHÖN, Donald A. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

